

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUSPARIO. — As gralhas sociaes. — Romance, O testamento do Sr. Chauvelin. — Estatua de Pedro o Grande (Curio idade dos tempos antigos e modernos.) — Historia da dansa. — As cartas. — O collar de perolas. — Revista de theatros. — Poesias, Travessa. — Pois Sim. — Recordação e Rosa Secca.

As gralhas sociaes.

A gralha com pennas de pavão tem uma significação social mais extensiva do que se pensa. Forina uma classe numerosa e representa um facto real.

Todos conhecem a fabula, e o despimento publico das pennas que o pavão reclamava e a gralha tinha tomado. Sobre este facto temos um plágio muito significativo: quem o alheio veste a praça o despe. É a gralha em proverbio.

Ora o plágio está hoje introduzido por todos os pentos da sociedade. Até já se furtam os viços. D'aqui os fanfarrões e a comédia de Thiers.

Há diferentes especies de gralha: a gralha política, a gralha litteraria, a gralha científica são as especies cardeaes; todas as mais são raios que partem deste foco central.

As primeiras pennas que a gralha política veste é o sufragio popular; apoiada por uma acta adulterada, faz-se ser objecto do voto publico e com os primeiros louros civicos de um pavão ilhadido, abre vôo para as poltronas do respectivo arco-pago.

Com esta aurora de vida publica não é de esperar que a gralha política tome outra norma. Tafeitada gradualmente a cada degrau que sobe quando chega ao cimo, a gralha política pôde

ser tudo menos o individuo primitivo. É um cão d'água com manto de rei.

As votações, as concepções, onde as acha, ella as apanha e perfilha com um desplante calculado! sabe corar as influencias surdas da moeda e dos empregos com apparencia innocent de predominio e de crenças. Investe as dietas representativas com uma purpura, legitima á primeira vista, mas que para um olfacto fino tresanda a lúch e copo d'água.

A verdadeira habilidade não está só em galgar pedestres; ha uma finura suprema dada unicamente ás gralhas de um talento superior: é alcançar o apoio publico, o voto nacional. Se consegue este ponto maximo na carreira, a gralha politica pôde gabar-se de que possue um legitimo e inauferivel diploma de pedantismo, — uma vantagem no seu genero.

E' impossivel revelar as tricas, as finuras, de que se serve um destas gralhas para ganhar palmo a palmo o terreno do futuro e das posições. É um dedalo, uma floresta, uma mundanha, onde a investigação carece ser profunda e acurada.

Sobre a influencia deste animal não precisa dizer que é perigosa e muito perigosa. Ponho de parte o erro do culto publico a esses deuzes improvisados como Cesar, e faço apenas relevar a indole propria da individualidade sem consciencia politica tomando apenas os enfeites alheios como aspiração a uma pauta do estadio já se vê que um semelhante bicho não representa uma garantia social, nem uma virtude cívica.

A gralha litteraria apresentando as mesmas linhas phisionomicas, differe da gralha politica em ter mais limitada influencia. O circulo desta

ultima especie é mais largo, e por conseguinte a influencia mais immediata e mais geral.

Ha ainda um ponto em que se separam as duas especies : é o fim.

A gralha politica trabalha com a ambição do mundo e do poderio ; a outra tem a perspectiva modesta, talvez, de uma posição litteraria e um lsurel artistico.

A gralha litteraria é mais fácil de conhecer que a outra : é que não sabe arrancar as penas ao pavão. Assenta de embuçar os hombros em uma scena de Dumas, ou em uma pagina de Lamartine, e por ahi vai farta como um perú, sem olhar para os pés, sem presentir que fez apenas um papel de taboleta de alheias glorias.

Ha comtudo gralhas de luva de pelica ; alguns individuos da especie, lidos no estudo de um certo livro do padre Vieira. Esses fazem a causa mais limpia, e como certos animaes procuram apagar com a caula os vestigios dos proprios passos.

Mal avisadas andam, todavia ! a subtileza poderá ser cõr apparente para illudir os olhos apoucados ; critica fina não se engana nunca.

Vivem de gloria alheia, como bons *inuteis* que são ; suspendem aos hombros um manto real, com os retalhos apanhados nesta e naquelle reputação. La caminham enquanto podem ellas, se um dia as reputações se apercebem de que lhes falta um pedaço, temos a scena do despimento publico dos enfeites alheios, a realização do proverbio antigo.

Isto com a gralha litteraria, com a gralha politica, e com a gralha scientifica ; é o mesmo processo.

Pobres fâmitos de gloria ! gozam um periodo de ovações a troco de ficarem, mais tarde ou mais cedo, em toda a indecencia de sua nudez moral. Felizmente já não tem pudor.

Gil.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN.

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

VIII.

JURAMENTO DE JOGADOR.

(Continuado do n. antecedente.)

Era o proprio marquez que acabava de chegar; apenas desceu da carroagem estreitou nos braços

os seus doux filhos, e depois de apertar a mão da marqueza, depositou sobre ella um osculo que parecia vindo do coração.

— O senhor, o senhor aqui !... disse-lhe ella sorprehendida.

— Eu, sim, que duvida !... Mas estes meninos o que faziam ? trabalhavam ou brincavam ? Olhem ; não querer interrompel-os em uma nem em outra cousa.

— Pelo pouco tempo que elles tem de lhe ver, é justo que não sejam privados de estarem aqui tambem juntos.

— Com a graça de Deus, senhora, elles gosarão da minha companhia por muito tempo.

— Por muito tempo, até amanhã á tarde, não é assim ? Oh ! diga que não ha de partir senão amanhã á tarde.

— Cousa ainda melhor, marqueza.

— Vem passar tres dias em Grosbois ?

— Tres, quatro, todos os dias.

— Meu Deus ! então o que aconteceu ? exclamou vivamente a marqueza, sem notar que a sua admiração poderia ser considerada pelo Sr. de Chauvelin como uma recriminação.

O marquez por instante carregou o sobr'olho, e depois, como que lembrando-se de alguma cousa, disse sorrindo :

— A marqueza não rezou para que Deus me trouxesse ao seio de minha familia ?

— Oh ! sempre, sempre.

— Pois então, eis-me aqui.

— E deixa a corte ?...

— Sim, venho residir em Grosbois, interrompeu o marquez dando um suspiro.

— Ah ! senhor, como poderei acreditar em tanta felicidade !

— Senhora, o contentamento que mostra é um balsamo saudavel para as feridas que sangram-me o coração. Mas, diga-me : dá licença que falle sobre certas cousas que dizem respeito ao arranjo domestico.

— Falle, falle, disse a marqueza apertando-lhe as duas mãos.

— Parece-me ter visto a pouco alguns pessimos cavallos no pateo : são seus ?

— São.

— Aquelles cavallos tão velhos são seus ? !

— São os mesmos que deu-me quando nasceu o nosso ultimo filho ?

— Tinham então quatro annos e meio ; isto foi a nove annos, por conseguinte tem os pobres

duas quatorze annos. Ora, a marqueza con-
sidera semelhantes cavallos!...

— O caso é que quando vou á missa ainda
não acertam com o caminho.

— Mas eu vi sómente tres.

— O quarto, por ser o mais esperto, dei a meu
filho para as suas lições de equitação.

— Meu filho aprendendo equitação em um
cavalo de carroça! Oh! marqueza, marqueza,
que cavalleiro quer fazer d'allí?

A marqueza abaixou os olhos.

— E agora então o carro sahe unicamente
puxado por douz animaes? No entanto elles
eram oito e douz de sella.

— Sim, mas como estando o marquez au-
sempre não ha mais passeios nem caçadas, entendi
que uma economia de seis mil libras por anno
não faria mal.

— E o que são seis mil libras? murmurou o
Sr. de Chauvelin.

— São o sustento de doze familias, respondeu
ella.

Elle pegou-lhe na mão.

— Sempre boa, sempre amavel, sempre ins-
pirada por Deus nas acções que pratica sobre
a terra! Sim, tudo isto é verdade, porém a mar-
queza de Chauvelin não está no caso de fazer
economias.

Ella levantou a cabeça.

— Já vejo pelo seu gesto que pretende dizer
que eu gasto muito; sim, é verdade, gasto
muito, mas a marqueza poupa de mais.

— Não quero dizer isto, marquez.

— Marquez, sejamos fracos: falta-lhe di-
nheiro? pois bem, fallarei a Bonbonne, e desde
hoje não lhe faltará cousa alguma mais; o que
eu instava na corte gastarei em Grosbois, e assim
em vez de sustentar doze familias, sustentará du-
zentas. Espero também que não faltará milho
para doze bons cavallos que tenho e que desde
amanhã virão para as suas estrebarias. Não fal-
lou-me aqui a tempos da necessidade de fazer
alguns reparos no castello?

— É verdade; as salas de espera necessitam
novas mobilias.

— O meu fornecedor chegará de Paris por
estas dias; darei douz jantares por semana, ca-
ca-se-ha...

— Marquez, sabe que tenho medo do mundo,
dizes ella aterrada, antevedo já todos os enthu-
siastas amigos de Versailles, á quem dava
a denominação dos peccados mortais de seu
tempo.

— Será mesmo a marqueza quem fará os con-
vites; Bonbonne lhe ha de dar o dinheiro que
fôr preciso para sortir em uma só as duas des-
pesas de Paris e Grosbois.

A marqueza louca de alegria queria responder
e não podia. Pegava nas mãos do Sr. de Chau-
velin, beijava-as e procurava com os olhos ternos
sonhar o fundo de sua alma.

— Tratemos agora de nossos filhos. Como
vão elles nos seus estudos?

— Muito bem: o abbade é homem de espirito
e de conhecimentos profundos. Quer que o apre-
sente?

— Sim, quero que todos me sejam apre-
sentados.

Dahi a pouco chegavam os meninos acom-
panhados do seu joven preceptor. Havia no
andar, naquelle como que doce tremular do
tenro carvalho entre douz debeis caniços alguma
cousa de suave e paternal que agradou ao Sr.
de Chauvelin.

— Sr. abbade, disse a marqueza, vou dar-lhe
uma boa noticia. Acaba de chegar o Sr. marquez
que vem entre nós fixar a sua residencia; olhe,
eis-o aqui.

— Graças, meu Deus! respondeu o abbade.
Depois como que maravilhado: Mas, dar-se-ha
que o rei tenha morrido! accrescentou.

— Não, não morreu, eu é que despedi-me da
corte e do mundo; quero viver para minha fa-
milia. Até então tenho vivido a vida do exalta-
mento e da ambição, quero viver agora a do
creação; agora diga-me, Sr. abbade, está satis-
feito com os seus discípulos?

— Tanto quanto é possível, Sr. marquez.

— Melhor. Faça delles bons christãos como
sua mãe, honrados como seu avô, e...

— Espírituosos, talentosos e de reconhecido
merito como seu pai, interrompeu o abbade;
e eu espero conseguir isso tudo, Sr. marquez.

— Então o abbade ficará sendo um homem
precioso. E tu, meu velho Bonbonne, ainda
estás muito rabugento? Quando eu tinha a
idade destes meninos, bem quizeste aprovei-
tar-me; descri dos teus conselhos, fiz mal; se
os tivesse seguido, hoje não teria delles tanta
necessidade.

Os douz meninos affastaram-se e foram brin-
car sobre a relva com toda a insaciável alegria
da sua idade; seu pai acompanhava-os com um

olhar enternecido, e depois de alguns instantes murmurou :

— Meus queridos filhos, não nos separaremos mais!

— Assim seja possível verificar-se isto, Sr.

— Praça a Deus que assim aconteça, Sr. marquez, replicou por detrás d'uma voz grave e sonora.

(Continua.)

CURIOSIDADES DOS TEMPOS ANTI- GOS E MODERNOS.

ESTATUA DE PEDRO O GRANDE.

Na extremidade occidental de S. Petersburgo e em frente da igreja de Isaac, eleva-se a colossal estatua equestre erigida pela imperatriz Catharina II à memoria do fundador do imperio e da capital da Russia.

Essa estatua despertará no espirito do povo russo orgulhosas recordações; por isso que foi no reinado de Pedro que este povo saiu da barbaria servindo hoje o seu nome de marco entre a historia moderna e a antiga daquelle paiz.

O estrangeiro não passa adiante daquelle estatua sem maravilhar-se de sua perfeição artistica e da grandeza de sua concepção.

O pedestal forma um plano inclinado e representa uma rocha escarpada sobre a qual se empina o fogoso cavallo prestes a precipitar-se.

O imperador tem um porte magestoso; enquanto o cavallo levanta-se sobre as duas patas traseiras, impacientando-se por desembaraçar-se da posição que o freio lhe impõe, Pedro lança um olhar tranquillo para sua capital, que ergue-se florescente no seio das lagôas, estendendo sua mão protectora.

A forma porque esta estatua acha-se representada é das mais ousadas; o seu equilibrio não teria sido possível se a cauda do cavallo não fosse massiça e não servisse de contrapeso, junto a uma grande serpente que esmaga, e que concorre para completar-se a alegria.

A attitudem daquelle grupo proporciona u ao artista o ensejo de mostrar os seus grandes conhecimentos anatomicos.

A figura do czar é animada e bella: acha-se vestido simplesmente com uma tunica; em vez de sella senta-se sobre uma pelle de urso, eloquente emblema do estado do paiz que acabava de regenerar.

E' obra de um artista francez, chamado Falconnet aquella admiravel estatua.

Diz-se que no momento em que Falconnet terminou o plano de sua obra, comunicou-o à imperatriz, expondo-lhe a dificuldade que achava em representar um individuo e um cavallo em tão arriscada posição sem ter um modelo. O general Melissino que passava por excellente cavalleiro, ofereceu se para todos os dias montar nos melhores cavallos arabes do conde Alexis Orloff, e em um terreno artificial que tivesse a configuração da rocha, fazendo-o depois empinar em um dos seus bordos.

A proposta foi aceita e coroada de feliz resultado; o artista pôde apanhar os principaes traços e a conveniente attitudem, e foi assim que terminou aquella estatua, a mais correcta e talvez a mais bella que se possa ver.

O corpo do imperador tem onze pés de altura e o do cavallo dezessete. A espessura do metal nas partes mais leves é de perto de tres linhas, e nas mais massiças de uma pollegada. O peso total do grupo é de cerca de trinta e seis mil libras.

O pedestal não é menos notável que a estatua: é um pedaço enorme de granito, cujo peso avalia-se em tres milhões de libras, e foi tirado de um lago distante legoa e meia da cidade. Para transportal-o foi preciso machinas e balas de ferro fundido, porque os cilindros usados ordinariamente teriam-se quebrado sob o seu peso. Um tambor de cima dava signal aos operarios quando era chegado o momento de fazerem u'as gyrar.

Em um dos lados do pedestal lê-se esta simples inscripção latina aberta no bronze :

Petro primo Catharina secunda.

Isto é « A Pedro I offerece Catharina II. »

Na face oposta acha-se reproduzida em russo a mesma inscripção.

Uma elegante balaustrada cerca todo aquelle monumento.

Ha tempos alguns marinheiros americanos que acabavam de festejar um tanto copiosamente algum padroeiro de sua nação lembraram-se de escalar a balaustrada, e um delles saltando sobre a rocha montou no cavallo por detrás do imperador.

Inutil é dizer que ali não ficou por muito tempo. A policia prendeu o profano que depois de haver passado uma noite na cadeia suppliciou a sua liberdade protestando o arrependimento.

que sentia e oferecendo-se a pagar uma grande multa. Fixou-se uma somma de tal sorte elevada que não obstante todo o medo que o nosso homem tinha da Siberia, era capaz de preferir este castigo.

— O que quer? disse-lhe o magistrado ante o qual elle comparecerá: aqui não ha regatear; quem quer montar como imperador deve tambem pagar como imperador.

O americano resignou-se e pagou: mas no dia seguinte um official de justiça restituui-lhe o dinheiro, fazendo-lhe ver o perigo de semelhantes caprichos bachicos.

Vrs

História da dansa.

1.

Onde, quando e de que modo a dansa teve origem?

Quais foram os seus primeiros adeptos?

Estas perguntas são como todas as outras que tendem á origem das coisas, e que ficam sem uma solução seria. Comtudo permitta-se nos uma hypothese.

O homem exprime sua alegria, sua dor, todas as emoções de seu espírito com exclamações e gestos animados. Estas exclamações, estes gestos que só o instinto ensina poderiam muito bem ser os rudimentos informes da dansa, e esta hypothese parecerá ainda mais veromil atendendo-se como os antigos classificavam as suas dansas, em alegres e fúnebres. Mais tarde a civilização fará inquestionavelmente da dansa um exercicio hygienico e a converterá em um frívolo divertimento.

Deixemos porem isso de parte e lancemos um rapido golpe de vista sobre a sua historia.

A Escriptura disse: « Elevai em honra do Senhor canticos e dansai.» Os hebreos dansavam ao transpor o mar vermelho e na presença do bezerro de ouro. David dansava entorno da area santa. Zeila, filha de Jepheth, caminhava dansando ao encontro de seu pai.

Segundo a mythologia, Minerva arrebatada de contentamento dansou sabendo da derrota dos Titãs. Rhea ensinava aos sacerdotes esta arte, que foi posta depois sob o protectorado da musa Terpsichore. Os heroes de Homero dansaram fundas as fadigas do longo sitio de Troia. Ulysses na corte de Alcinous extasiava-se ante a perícia de alguns dansarinos.

Entre os gregos a dansa gosou sempre grande estima: Platão e Lycurgo veneravam-na, e Socrates falou calorosamente em seu favor.

Ao principio ella tinha por fim dar aos membros beneficia flexibilidade, ou era preparada em honra dos deuses; mais tarde porém perdeu este carácter por assim dizer sagrado, olvidou o seu fim hygienico, erigio-se em arte, e entrou no theatro como um deleite de uma população esfeminada.

Tem-se dado mais de duzentas denominações ás dansas gregas. D'entre elles citaremos, nas series a *cubica*, a *espherica*, a *mephitica*, etc.; haviam outras acompanhadas de cantigas a que pôde se dar a denominação de profanas.

Não deixaremos de citar tambem a dansa *sacra* executada no templo das divindades; a fúnebre, especie de pantomima que representava os gestos e o andar do defunto, e a *scenica*, que se subdividia em tragica, satirica e comica. A dansa *pyrrhica* era a dos guerreiros quando iam para os combates; aquelles que a executavam bem eram cobertos de glorias, e, segundo Luciano, o povo elevou uma estatua a Illaton por esse motivo.

Nos primeiros annos da fundação de Roma a dansa era quasi completamente desconhecida; tolerava-se unicamente a guerreira e a *pyrrhica*. Depois os costumes gregos foram a pouco e pouco alli penetrando, até que a final os romanos adoptaram todos os divertimentos chorographicos da Grecia.

Confesse-se porém que a dansa existiu por muito tempo em um decahirto nascido do desprezo que por ella sentia-se. Horacio censura os que se entregam a este divertimento, e Cicero diz que as pessoas que dansam ou estão embriagadas ou loucas. Foi sem duvida este dito de Cicero que fez Affonso, rei de Aragão, comparar tambem um dansarino com um louco; deve se notar porém uma cousa, e é que a loucura de um dura menos que a do outro.

Tiberio expulsou de Roma os *hystriones*; Domiciano excluiu do senado os partidarios da dansa; e o imperador Julio forçado a aprender a *pyrrhica*, exclamou todo envergonhado:— O' Platão, Platão, que officio para um philosopher!

Si a dansa propriamente dita, não teve em Roma horas officiaes, em compensação a pantomima cahio no agrado publico e chegou a um alto grau de perfeição.

Hoje temos chegado á decadencia da arte.

Nos primeiros séculos do Christianismo a dança entrava, como os canticos religiosos, nas cerimônias do culto, e isso durou por tanto tempo, que ha ainda apenas um século que em Limoges, no dia de S. Marcello, o povo unido ao clérigo dansava no sanctuario elevando preces ao Céo.

Os godos e os francos sabiam poucas dansas e estas mesmas eram guerreiras.

Durante a media idade a dança esteve sepultada no esquecimento: ressuscitou no fim do décimo quinto século, graças, segundo se diz, a um gentil-homem da Lombardia, Bergonzo de Botta que apreciava muito a dança e a chorographia.

Em França as sociedades de baile começaram a instituir-se no reinado de Luiz XII.

Catharina de Medices foi quem deu o primeiro baile no Louvre, em 1581.

Henrique IV gostava muito da dança, e obrigava ao seu ministro Sully a dansar com elle.

Luiz XIII deu alguma proteção à dança, e Luiz XIV fez dos bailes o divertimento mais inebriante de sua corte.

Dar inda que em resumo os nomes das diferentes espécies de dansas conhecidas de nossos antepassados seria um trabalho tão longo como fastidioso. No proximo artigo porém daremos o das principaes.

As cartas.

As cartas de jogar, quer por distração, quer por vício, ocupam um logar importante na nossa civilisação, e tem estimulado o genio investigador dos sábios, mas infelizmente sem prefeito, por isso que todas as conjecturas vagas, todas as dissertações alambicadas e diffusas explicações tem encoberto cada vez mais o terreno que se propunham devastar.

Sobre as cartas tem-se escrito muito e seriamente em todos os idiomas da Europa; franceses, alemães, italianos, hespanhóes, todos disputam se a invenção das cartas, como se se tratasse de uma dessas grandes descobertas que mudam a face do mundo. Na verdade, diga-se de passagem, ha muitas descobertas mais graves e essenciaes que menos tem modificado os costumes das nações.

Segundo o sabio Ducange, as cartas são conhecidas na Inglaterra desde 1840; prova elle esta assertão citando o artigo do concilio de Worcester, onde diz que o clérigo prohibirá os jogos do rei e da rainha.

As cartas nada tem de commun com o divertimento de que se trata e que consistia em eleger-se um rei e uma rainha que fingia imperar sobre todos os assistentes, fazendo-lhes perguntas espinhosas.

O autor do *Gulden Spiel*, impresso em 1472 em Ausgbourg, afirma, sem provar, que as cartas foram introduzidas na Alemanha em 1330. Segundo Cesar Nostradamus, foram em 1360 populares na Provença, onde davam aos valetes o nome de *tuchins*, salteadores que devastavam o condado de Venaissin. Esta anedota porém do chronicista de Solon tem tanto fundamento como as phantasias de seu pai Miguel, o celebre astrologo.

O primeiro decreto de que as cartas foram causa na Hespanha é datado de 1486, e foi promulgado por João II em Toledo.

Os italianos pretendem também a prioridade na invenção das cartas. Na transcrição que fizera do *tratado do governo da família*, composto em 1829 por Pipposo de Sandova, introduziram um trecho sobre as cartas que não podia existir no primitivo texto, por isso que ainda em 1423 tinham elles outro nome.

No meio de todas estas contraditorias reclamações, a opinião que mais geralmente tem prevalecido, é que as cartas foram inventadas como uma distração para Carlos VI, então enfermo. Tinham um lado poetico e romanesco, que muito contribuiu para propagarem-se.

Em França o uso das cartas é como que uma tradição. Grande numero de pessoas fazem ostentação por meio delles de sua intelligencia, e outros comprasem-se em invocar a figura melanconica do misero louco coroado, fazendo desta sorte por esquecer, com pedaços de papel pintado, as atribulações reaes ou imaginarias de sua vida. Pode se afirmar que as cartas são conhecidas em França desde tres séculos antes de Carlos VI.

Deparamos no vocabulario latino de Popias, no nono século, um trecho assim concebido: *Mappa, nuppe*. Tan bem dá-se este nome *mappa* a um desenho em forma de jogo.

Em um glosario latino e frances do decimº terceiro século tem os *mappa-mundi*, palavra derivada de *mappa*, saipe ou pintura em forma de jogo. Assim acha-se fóra de duvida que, no reinado dos primeiros Capetos, já havia um jogo que se chamava em latim *mappa* e em france

naipe, isto é, naipes ou pintura : ninguém poderia também contestar que este jogo era o das cartas.

A palavra *naipe* corresponde ao *naibe* dos italiani, ao *naipé* dos hespanhóes e ao *nobia* dos arabes, que quer dizer encante, predição, apesar das combinações que se podem formar das cartas e da advinhação cabalística.

Se a invenção das cartas data do nono seculo, o que nos parece incontestável, deve-se convir que só depois do reinado de Carlos VI teve lugar a sua propagação.

O primeiro documento representando um jogo de cartas é uma vigneta de um manuscrito do decimo quarto seculo, intitulado *O romance do rei Meliadus*; este documento acha-se na biblioteca de Roxburg, na Inglaterra. Cinco individuos estão ali em torno de uma mesa : um em pé di as cartas, os outros tres jogam as que tem na mão, e o quinto parece ser mero espectador. Um monte de moedas exprime quanto o jogo está influido.

As cartas de que se servia Carlos VI são as mesmas que os personagens da vigneta tem ; não conservam analogia alguma com as nossas.

Na biblioteca nacional ainda existem desesete das de Jacquemin Gringonneur, obscuro pintor cujo nome tornou-se depois tão celebre. Estas cartas representam diferentes gravuras, como a de um louco, um escudeiro, um imperador, um papa, de dois amantes, da fortuna, da temperança, da força, da justiça, do sol, da lua, da eternidade, do juizo final, da morte, etc., e são mais proprias para um recreio pueril do que para jogos de azar.

VERS.

O collar de perolas.

CARACTERES E RETRATOS DE MULHERES

CELEBRES.

HERMINIA D'ARMOR.

I.

— Leia Tito Livio, Sr. conde, e ha de vér que a nobresa de Roma não só impunha-se a si mesmo maior numero de impostos do que os que pesavam sobre o povo, como tambem que nos tempos calamitosos ella o alliviava de todos elles.

— Porém nós não estamos em Roma, e sim na Bretanha, e a nobresa deste paiz tem regalias, e privilegios que se baseam nos mais antigos titulos.

— Os do povo são ainda mais antigos, Sr. conde : são o direito que a razão concede, e as prerrogativas da humanidade.

— São nomes estes realmente muito bonitos para rebellar o povo contra nós. Os senhores são philosophos, litteratos, fazem-se cidadãos antes da idade...

— Ha tantos que nem depois ainda o são, Sr. conde !

— Citam a historia grega e a latina, consideram-se logo grandes escriptores e...

— E' uma vantagem que temos sobre a nobresa da Bretanha, Sr. conde.

— Esta nobresa, senhor, escreve os seus direitos com a ponta da espada.

— Com tal instrumento não se escreve senão na areia, Sr. conde, e o vento com facilidade desfaz as letras.

O velho conde de Armor mordeu os labios como um homem esplendido que procura reprimir a sua colera. Com um sorriso ironico e forçado calou a violencia de seu genio, parecendo guardar um pensamento occulto que o jovem Meriadec seu interlocutor não conseguiu penetrar.

— Falla nos seus direitos replicou o velho ; massão as nossas riquezas, senhores innovadores, que lhes offuscaram, e fazem com a capa do interesse publico occultarem a ambição que os devora. Sabemos onde querem chegar. Os senhores não desejam a igualdade dos impostos senão para mais tarde chegarem á dos bens ; o que querem é uma lei agraria.

— Si ainda estivessemos no começo do mundo, Sr. conde, a pederíamos a Deus ; mas agora, o que fazer ? Não pedimos muito ; queremos tão sómente a igualdade civil, uma representação perfeita da nação, uma divisão igual dos impostos e dos empregos publicos, emfim que remos que ninguem seja excluido dos cargos e honras, cujas portas um genealogista pretende fechar ao merito.

— O senhor parece ignorar que a nobresa gosa de certas isempções conquistadas pelo sangue que derrama pelo paiz e pelo serviço nas armas e na corte....

— Pelos quaes é generosamente recompensada, Sr. conde. E' preciso lembrarmo-nos que

não estamos mais no tempo das cruzadas, em que combatia-se para distrahir os exercitos. Si derramam pela patria algumas gotas de sangue pagas a peso de ouro, o povo em compensação derrama rios, e olha-se tanto para isso como para a agua das correntes....

— Enfim, senhor, a nobresa é a chave do estado. O proprio Montesquieu disse : A nobresa constitue a monarchia ; é indispensavel, para que o povo se habitue sem deslumbrar-se a suppor os resplendores da corôa.

— O povo de nossos dias tem vistas d'aguia, Sr. conde ; não se deslumbra tão facilmente. Diz que a nobresa é a chave do estado; o povo porém é o thesouro : é elle quem cultiva as suas vinhas, tendo por bebida as gotas do suor : é elle quem faz crescer as arvores que enriquecem os seus campos, tendo por comida as folhas ressequidas que dellas cahem ; é elle quem, sem possuir causa alguma, vela pela segurança de suas fortunas ; é elle ainda quem construe esses carros sob cujas rodas os senhores o esmagam. Os florões de suas corôas de conde tem por perolas as lagrimas crystalisadas do povo : as decorações militares que ornam o peito de seus filhos são salpicadas do sangue de nossos valentes e intrepidos soldados que entre mil salva-se apenas um no campo de batalha ! Quer um exemplo ? — Para explicar a fortuna do marechal Fabert a metade da França ficou crendo que entre elle e o diabo havia um pacto. Jovens ignorantes e sem merito usurparam os cargos da magistratura. A vista destas instituições que abafam o talento, a emulação e o genio porque admirar-se de nosso orgulho revoltado ? Lançam-nos em rosto a nossa ambição : mas por ventura somos os actomatos de Vaucanson para não tel-a ? A ambição não é o estímulo do universo, a lei por que nos devemos todos guiar para a perfectibilidade humana ?

— Ora ahí tem uma bonita tirada, senhor, não deixe de aproveitá-la para um dos seus proximos artigos contra a nobresa. Sem duvida é com isto que tenciona ir á posteridade ?

— Si os meus artigos não o chegarem, Sr. conde, espero que os meus principios chegarão.

— E eu espero que serão queimados todos por uma resolução do parlamento, não só os seus como o de todos esses estudantes e advogados de Rennes.

— Cuidado com o fogo, pôde atear-se e alguma faísca cahir na polvora...

— D'aquelle que rebentou sob os pés de Jacques I, não é assim ? Prepare outra explosão ainda mais terrivel sob o throno do rei de França, si quer começar por anniquillar a nobreza bretan. Quando houver cortado o mais bello ramo da monarchia, terá de lançar o enxerto no tronco... jovens, jovens não pensais no que fazeis ! Para saciardes algumas ambições pessoas desencadeais as paixões populares sem vos lembrardes si podereis depois contel-as ! Quem de vós dirá o *quos ego politico* ? Os diques uma vez abertos, seréis devorados pelo oceano !.. Não pensais, sim, não pensais o que fazeis !

O conde agitado pronunciava estas palavras ; o joven ouvio-o e já dispunha-se a responder, quando o velho logo ás primeiras palavras interrompeu-o proseguindo mais calmo :

— Mandei convidle-o para vir a minha casa, senhor, com o fim de pedir em nome dos meus amigos que não continue a escrever os pamphletos que tem contra nós publicado. Quero tambem sondar as suas disposições antes de revelar-lhe o meu desejo : receio porém a sua recusa ás promessas da nobreza. Tenho alli uma somma consideravel que lhe pertencerá, si quizer... Esta somma é uma fortuna que aceitando lhe proporcionará um bem estar tão completo que, por mais que pudesse aproveitar o seu grande talento, nunca chegaria a alcançar.

O mancebo ergueu-se indignado, seu olhar lampejou sobre o conde, mas logo a vista dos cabellos grisalhos do velho, recuperou a sua calma e disse com dignidade :

— O Sr. tem um filho, Sr. conde ; por elle terei a honra de mandar a minha resposta.

Meriadec cumprimentou o velho e sem esperar outras explicações reliou-se do gabinete. O conde de Armor por algum tempo ficou perturbado, maldizendo-se por se haver encarregado de tão delicada negociação.

No momento em que Meriadec ia descer os primeiros degraus da escada uma mulher de rara formosura sahindo de uma sala contigua e lançando-se ao encontro do mancebo com o seio anhelant ; e as mãos juntas supplicou-lhe que esperasse.

— Tudo ouvi, senhor, disse-lhe ella com voz tremula e cheia de doçura ; eu estava alli, naquelle sala proxima ao gabinete de meu pai. O senhor portou-se nobremente ; mas não queira trazer a desolação para o seio de uma familia. Meu irmão e eu não partilhamos todos os pro-

azos da classe a que pertencemos. Não se bata in elle, eu lhe peço, supplico-lhe de joelhos. Meriadec extremamente commovido, apresentou-se em fazer a linda joven levantar-se, e com seu esforço sobre si mesmo, temendo entristecer-a esse:

— O que me pede é impossivel, senhora: não desafrontar a minha honra e a de meus amigos ultrajados, como eu, por aquella infame proposta. O que posso porém prometter é que desde hoje respondo pela vida de seu irmão em tudo o que depender de mim. Rogue a Deus que não sejam baldadas as minhas esperanças.

— Eu rogarei a Deus por elle e pelo senhor, exclamou M.^o d'Armor dirigindo ao joven um olhar de reconhecimento que o perturbou ainda mais talvez do que os insultos do velho. M.^o d'Armor deixou Meriadec retirar-se. Quando elle chegou ao fim da escada voltou-se, e ainda vio-a em pé no mesmo logar como uma linda estatua de alabastro. Inclinou-se, e ella correspondeu ao cumprimento com graça e deixando escapar um longo suspiro.

(Continua.)

Todos conhecem os *Dous mundos*; é inutil narrar as scenas que levam esse poeta-operario ao pé de uma bellesa activa que só abandona com o ridiculo na cara e a dor no coração.

Foi levado ainda uma vez no Gymnasio, e ainda uma vez alcançou da platéa os aplausos significativos de um duplo instincto moral e social. Pelo seu lado e pessoal do desempenho conseguiu com felicidade pôr em relevo o pensamento do autor; e mereceu evidentemente mensão notavel.

O serralheiro Francisco, Fernando o poeta-operario são as duas figuras proeminentes do quadro, e encontraram comprehensão nos artistas encarregados desses papeis, o Sr. Moutinho e o Sr. Furtado, que com que com o Sr. Heller e as Sras. Gabriella, Eugenia, Ludovina e Julia, contribuiram para mais um bom efecto da composição do Sr. Lacerda.

E' uma novidade velha, mas as novas não são communs nesta época.

Engano-me talvez. Uma das comedias *encostadas* ao archivo vestiu-se de novo e reappareceu para nos dar o reaparecimento do actor Mendes e da actriz Leonor Orsat. Todos conhecem essa composição, *A Vendadora de Perús*. — E' uma intriga de corte como as *Dous primas*; pécca porém por ter os vicios desta sem lhe ter as virtudes; tem o aparato, mas como merecimento scénico a diferença é em seu desfavor.

O Sr. Mendes, actor conhecido bastante nesta corte, soube dar vida ao carácter exquisito que desempenhava, apesar do papel que parece não ser dos melhores que o artista têm em seu repertorio.

O Sr. Mendes pretende continuar a tomar parte em alguns espectaculos no Gymnasio; então nos dará occasião de apreciar-mos uma vocação e uma pratica que continuadas excursões pelas provincias, não tem conseguido despistar de legitimidade e inspiração. Com a sua senhora a Sra. D. Leonor Orsat poderá contribuir com proveito para as noites divertidas do Gymnasio. A Sra. Orsat, tem além de tudo as tradições de uma época de entusiasmo, cuja evocação pode dar-lhe forças e seivas.

Vamos a S. Januario.

Sem recursos, mal localizado, e por consequencia fóra do centro da actividade publica, o Sr. Germano troca cada esforço por um obstáculo, cada exito por uma privação. Está no caso de Ixion da fabula, no meio do seu isolamento,

Revista de Theatros.

(17 de Dezembro).

SUMMARIO:— GYMNASIO DRAMATICO: A *Vendadora de Perús*; *Dous mundos*.— S. JANUARIO: — *Anjo Maria*; *Os filhos de Adão e Eva*;

O elemento democratico é uma proeminencia em algumas das composições de Cesar de Lacerda; o primeiro acto da *Probidade*, e os tres ultimos dos *Dous mundos* parecem atestar a favor dessa assertão. Na *Probidade* é uma creatura idéal, *Enrique Soares*, protestando contra as supereidades obrigadas, e o talento honesto menos valioso em proveito da parvoice; nos *Dous mundos* é um paralelo frisante entre a aristocracia e a classe infusa, entre o salão, e a officina, entre a casaca e a blouse, entre a luva e o marrão. Toda a vantagem fica ao mundo das pessoas honestas.

Ultimamente um novo drama, *Os filhos dos abelhos*, dizem trazer ainda o mesmo cunho democratico; se não mente a tradição informante, o Sr. Cesar de Lacerda, com o seu novo drama constitue-se um dos protestos vivos da literatura contra as formulas safadas que levantavam a incompetencia dos titulos um culto quebros illegitimo e parvo.

isolamento devido a um orgulho muito legítimo de dignidade.

Não tem uma companhia completa e perfeita, sou o primeiro a dizer; mas por outro lado posso discriminar o trabalho da incuria, e sempre que uma somma de talento se casa no labor e ao estudo ha uma probabilidade de futuro.

O movimento destes ultimos dias no theatro de S. Januario, são um evidente protesto do trabalho, e todo o trabalho carece de uma recompensa. E' montando peças novas, ensaiando-as com acurado esforço e tino, que o Sr. Germano procura compensar a localidade e as prevenções gratuitas.

O Anjo Maria, comedia-drama do repertorio moderno, tem sido levado á cena nestes ultimos tempos, com um desempenho que, pondo de parte algumas figuras, agrada em geral. O Sr. Germano e a Sra. D. Manoela são dois papéis capitais da peça, aquelle na interpretação de Simeão da Cruz e esta na de D. Maria de Castro; o Sr. Thomaz, inferior ás vezes em outros papéis, no desempenho de Manoel de Castro, põe em ação disposições que atestam com evidencia ter hombros talhados mais para a casaca moderna que para o gibão classico. Se podesse modificar nesse papel todo de nova escola, uma declamação que é oapanagio da escola antiga, estaria mais no espírito do seu papel.

E' digna de nota a maneira porque a Sr. D. Manoela diz esta phrase do fim do primeiro acto em resposta ao Dr. Julio da Cruz:

— Diga antes, doutor, raça de homens de bem, morrem mas não se aviltam !

Tem outra phrase ainda entre outras que diz muito bem, mas onde desejava menos energia, por quanto é na friesa da expressão que ella se mais frisante. E' esta :

— As filhas de Sandomil dão-se, não se vendem !

O barão de S. Benedicto é de um ridículo fri-sante, de um desfaçamento proprio de velhaco, e não foi mal comprehendido pelo Sr. Valle, moço de disposições para o galan-comico.

Disponho desta vez de pouco espaço, mas tocerei ainda em uma comedia ultimamente representada nesse theatro : *Os Filhos de Adão e Eva*.

E' uma composição alegórica sobre o facto bíblico do primeiro peccado, feita com precisão no espírito e na forma da tradição. Não tenho

tempo para traçar nem mesmo um ligeiro esboço do enredo.

As duas figuras salientes são o Sr. Vasques e a Sra. D. Manoela. O Sr. Vasques caracterisou-se com precisão e gosto, e sustentou o seu papel de coruña. Tem futuro, não o deixe perder como alguns outros, nas doidices do tablado. De passagem lhe aconselho, menos movimentos nas suas scenas mudas do segundo acto ; atenua assim o effuso que devem produzir as outras personagens em seus dialogos.

A Sra. D. Manoela transfigurou-se ; fez de Marieta, o vulto concebido pelo autor, um silpho pela vivesa, pelos movimentos graciosos, pela volubilidade da conversa, pela reflexão pueril de uma criança. Entre outras cousas noto aqui o seu olhar e o seu movimento ao ouvir a proibição do pomo da arvore mysteriosa. Na primeira ruga de reflexão que se lhe desenhava na fronte, revellou Eva, a Eva da biblia, todas as Evas da humanidade. E' por todos estes pequenos pontos que o bello está repartido.

E adeus, leitoras.

M-as.

Travessa.

.

AI, por Deus, por vida minha
Como és travessa e louquinha ?
Gosto de ti — gosto tanto
Dessa tua travessura
Que não déra o meu encanto,
Que não déra o meu gostar,
Nem por estrellas do céu,
Nem por perolas do mar !

Alma toda de chimeras
Que accordou no paraíso
Vinda do leito de Deus ;
E que rivas de teus olhos
Só tens dous olhos — os teus ?
Pareces mesmo criança
Que só vive e se alimenta
De luz, amor e esperança.
Ave sem medo á tormenta
Que salta e palpita e ri ;
Não sabes como, não sabes,
As travessas primaveras
Assentam tão bem em ti !

Assentam sim, como as azas
Assentam no beija-flor;
Como o delírio dos beijos
Em uma noite de amor;
Como no véu que se agita
De beleza adormecida
A brisa molle e sentida!

Foi por ver te assim — travessa
Que eu puz a minha esperança
No imaginar de criança
Dessa formosa cabeça...
Foi por ver-te assim. — Que os sonhos
Eu sei como os tem, eu sei,
Puros, lindos e risonhos,
Um coração novo e calmo
Onde a lei do amor — é lei;
Foi por ver-te assim, que eu venho
Pôr em ti as fantasias
De meus peregrinos dias,
Como a esperança no céu;
Em ti só, que és tão louquinha,
Em ti só por vida minha!

1859.—M. DE ASSIS.

Pois sim....

Je te donne à cette heure,
Penché sur toi
La chose la meilleure
Que j'ai en moi !
V. HUGO.

Não quero o teu amor; do que eu desejo
Bem pouco me darás —
Dar-te-hei no coração, que aos pés te rojo,
Ventura, amor e paz.

Silêncio, minha bella; a negativa,
Que o labirinto desprender,
Aljema-a o coração. Crê que te adoro,
Depois has de ceder. *

Não cedo; que perdida, a sóis no mundo
Ha tanto, busco em vão
Um peito em que repouse! Estou cansada,
« Ah! tens meu coração,

Florinha do valle buliçosa
A relva contemplou,
Tapete de esmeralda; que a sentar-se
A bella convidou. »

— Por baixo da macia verde planta,
Quem sabe se estará
O cardo arranhador, que à pastorinha
Cravar o espinho vá ?
« Assim pensara a linda camponeza;
Vacilla e teme a dor. »
— E' justo que não dé ao cardo um goso,
Se o negar ao pastor —
« Levanta-se um combate entre o desejo
E o medo de se ferir;
Appellem para o arbitro, que deve
A luta decidir.
Propensa á afirmativa a pastorinha,
Que é vítima e juiz,
Deseja vai sentar-se » — Mas o cardo ?
« Receia ... e nada diz.
Pretende um passo dar ... ai ! Foi um grito ...
Depois disse : talvez. »
— Ai, pobre pastorinha ! eram espinhos
A magoar-lhe os pés. —
« Venceu... » — Quem? O desejo abraça a relva... »
— E o resto? — « Não direi... »
— Dormiu? sonhou? sofreu? estava agitada? —
« Silêncio ! eu cá não sei »
— Oh ! Da-me o teu amor ! « E dás-me um beijo? »
— E o cardo? E o sonho? Emfim...
Mas guardarás segredo? — Guardo... E agora?
Queres? — Quero — Pois sim ! —

Rio, 1859.

ERNESTO CIRBÃO.

Recordação.

Ela finou-se....
Forque os anjos à terra não pertencem.

Dr. G. Dias.

Foi um sonho fugaz, lampejo ardente,
Phantastico clarão de amor fulgio...
Enlevo etereo de minha alma triste,
Dos céos nascido para Deus ambo...

Innocente botão de uma violeta
Que só no paraíso abrir devia...
Tão cedo desprendeu as brancas folhas
Desse calix de mágica poesia...

E eu no debater das amarguras
Que as rosas do seu rosto desfolhavam,
Não vi correr as lagrimas sentidas
Que o brilho dos seus olhos desbotavam.

Quanto affecto perdido nos soluções
Daquelle agonizar ! Ai ! que soffrer !
Assim um astro bello tomba e morre
Nas orlas da manhã de se a nascere...

E tu tambem cahiste, anjo piedoso,
Quando a luz do teu sol viste perdida,
O arrebol de teu dia aniquilou-se
E nas trevas perdi-te, ó minha vida !

Ai ! candidas visões da juventude,
Linda estrella de perenal candura ! ..
Julguei-te eterna no olhar de fogo
E tão cedo baixaste á sepultura !

1853.— *Bittencourt da Silva.*

Rosa secca.

Murchaste, flor, quem me déra
Murchar-me a tristesas assim :
Rosa, deixa dar-te um beijo,
Onde ella deu um por mim.

Vou chorar perolas meigas
Sobre teu calix, ó flor !
Quero ajuntar-te a meu seio
N'um desvario de amor.

Pobre rosa desmaiada,
Como pudeste esquecer
O abrigo daquelles seios
Onde podias morrer ?

A brisa alegre das tardes
Não suspirará por ti,
E nem o sabiá negro
Nem a parda jurutu.

O bello cantor dos bosques
Já melodias não tem,
Triste sombra de venturas
Vive comigo tambem.

Vive sim, que eu bem te adoro
Como adoro os olhos seus :
Ingrata ! Não teve encantos
Senão por martyrios meus.

Viva embora a ingrata bella,
Se de ingratas haja fé,
Dir-lhe-hás, flor sem perfume,
A chamma de amor o que é.

Sou o peregrino triste
Que só tenho fé na dôr,
Que passa em negra ironia
Momentos de dissabor.

Uma flor, uma esperança
Apertada ao coração,
Quasi me vole um aperto,
Um meigo aperto de mão.

Vem, ó rosa desmaiada,
Serás o meu talisman,
Como a imagem descorada
Daquelle face de irmã.

Dê-te o céo um doce assago
Por minha conta tambem,
Por essa irmã, que eu adoro,
E depois... por mais ninguem.

Adeus ! Vai ! Deixo-te aos transeus
De quem te não conhecer ;
Para mim tens inda encantos
Que podias merecer.

De mais, que fazes comigo
Que me tens a desejar,
Tu podes brincar ao menos ;
Eu posso desesperar.

Quando a crença nos obriga,
Quando nos treme a affeição,
Todas as cordas se estalam
Nesse pobre coração.

Rasgaste a nuvem deirada
Do meu castello de amor,
Morre, vai : eu não te quero :
Deixa-me em socego, flor !

Fragoso.